

Reflexões sobre adolescência no filme *Hoje eu quero voltar sozinho*

*Paula Orchiucci Miura
Alana Madeiro de Melo Barboza
Kedma Augusto Martiniano Santos
Joelma Correia de Sena*

Introdução

Adolescência configura-se como um período singular na vida de um indivíduo e situa-se entre a infância e a vida adulta. Com base no referencial psicanalítico sobre adolescência, “[...] esta é uma fase que precisa ser efetivamente vivida, e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir” (WINNICOTT, 2018, p. 115). Essa fase é demarcada pelas mudanças físicas da puberdade, não obstante a adolescência está para além das transformações

biológicas, pois implica crescimento, maturidade, contudo isso demanda tempo, e enquanto os adolescentes estão nesse crescimento, a responsabilidade assumida pelos pais faz-se necessária (WINNICOTT, 2019a).

Ressalta-se que as transformações físicas provenientes da puberdade e as mudanças psicossociais da fase da adolescência atrelam-se entre si. Assim sendo, a adolescência é uma fase marcada por construção e conquista da subjetividade e individualidade do indivíduo (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Um aspecto relevante quanto à adolescência refere-se ao ambiente, que segundo Winnicott (2018), a relação do indivíduo com o ambiente é muito importante para o alcance de um desenvolvimento considerado satisfatório (WINNICOTT, 2007). De acordo com o autor, apesar de o ambiente não ser determinante, é constituinte, faz diferença e imprime possibilidades de desenvolvimento. É importante ressaltar que o ambiente não diz respeito necessariamente a um local físico, mas a algo ou alguém que o indivíduo esteja em constante contato.

Para continuarmos refletindo sobre a temática da adolescência, convidamos o leitor para trilhar um caminho a partir da arte, visto ser uma das muitas formas de lidar com a dimensão do sensível. A arte aqui tida como base é o cinema, considerado a sétima arte e contemporâneo da Psicanálise.

Mas, para além da psicanálise e o cinema serem contemporâneos, ambos se aproximam pela possibilidade de contribuição com a constituição do sujeito, assim como a possibilidade de significação e ressignificação de conceitos, hábitos e valores (GURSKI; BARROS; STRZYKALSKI, 2019; DUARTE; CARLESSO, 2019). Isso se dá devido ao fato de o cinema não só representar a realidade cultural, mas, assim como a psicanálise, dialogar com o sujeito a partir da identificação com personagens e situações, o que possibilita efeitos subjetivantes. Nesse sentido, essa arte pode ser potencializadora ao permitir que o sujeito vivencie fantasias, o que aproxima o cinema de uma dimensão onírica, e, ao mesmo tempo, possibilita reflexões e discussões acerca das subjetividades e das relações que permeiam a sociedade.

A partir de tais questões, optou-se pelo filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), para discutir elementos relacionados à adolescência, primeiramente,

por ser um filme de origem brasileira, o que possibilita uma maior relação com a realidade e experiências vivenciadas no país. Segundo, pois o filme aborda a vivência de um adolescente de forma realista, com características que podem ser consideradas pontos essenciais da experiência de ser adolescente, o que possibilita maior riqueza na discussão desta temática. Diante do exposto, esse capítulo objetivou identificar e analisar as experiências na adolescência de Leonardo, protagonista do filme *Hoje eu quero voltar sozinho*.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-interpretativo, cujo processo de construção desenvolve-se por meio da análise fílmica de Vanoye e Goliot-Lété (2016), proposto no livro *Ensaio sobre a análise fílmica*. De acordo com os autores, essa proposta de análise se dá por meio da produção escrita, considerando “a definição do contexto e do produto final” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2016, p. 10). Para realização desse método, pode-se realizar de forma mais ampla a divisão de dois momentos de análise. No primeiro momento, deve-se analisar o filme na decomposição de seus elementos constitutivos. Isso significa realizar uma desconstrução ao extrair, destacar e denominar elementos distintos do próprio filme (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2016).

Assim, nessa etapa, o filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) foi assistido na íntegra e foram identificadas cenas pertinentes à discussão e subsequente descrição de falas dos personagens e descrição de detalhes da cena relevantes para o objetivo proposto. Nessa perspectiva, também foram identificados momentos e detalhes relevantes para a análise, como: informações de ordem não verbal (elementos do cenário, personagens e relações, direção e ritmo ligados à música e intensidade emocional), que também devem ser vislumbrados numa análise fílmica.

No segundo momento de análise, ocorreu uma associação entre os elementos isolados (recortes de cenas, detalhes e falas) a fim de surgir um todo significativo que tenha relação com o objetivo proposto. Sobre esse momento, Vanoye e Goliot-Lété (2016) apontam que é uma criação diferente do filme concreto, sendo uma recriação assumida por quem se propõe a analisar a

obra. Nesse sentido, aqui, é realizada a análise dos elementos fílmicos, associados a discussões teóricas que se relacionam com o objetivo deste artigo. Compreende-se assim que, como afirmado por Vanoye e Goliot-Lété (2016, p. 15) “o filme é, portanto, o ponto de partida e o ponto de chegada da análise”.

Resultados e discussão

A fim de desenvolver a discussão proposta, primeiramente, faz-se importante situar a obra selecionada para este capítulo. O longa-metragem *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) é uma produção brasileira que teve como base o curta metragem intitulado *Hoje eu não quero voltar sozinho* (2010). A produção cinematográfica foi produzida, dirigida e roteirizada por Daniel Ribeiro. Os principais personagens são: Leonardo (protagonista), Giovana (melhor amiga de Leo), Gabriel (garoto novato na escola que se torna amigo de Leo e Gi e, posteriormente, namorado de Leo) e os pais de Leo. O filme conta a história de Leonardo, um adolescente com cegueira congênita, filho único e que mora com os pais. Apesar da sua condição congênita e superproteção por parte dos pais (principalmente da mãe), o filme demonstra Leo tentando se tornar uma pessoa mais independente e querendo vivenciar experiências com jovens da sua idade. O filme apresenta questões como o desejo de sair de casa, ambivalência na relação com os pais, a rebeldia em quebrar regras, questões de amizade, ciúmes, mudanças corporais, descobertas em relação à sexualidade, paixões e várias outras experiências muito comuns e marcantes da adolescência (HOJE..., 2014).

Para melhor desenvolver uma análise com enfoque nas experiências adolescentes, decidiu-se por dividir a discussão em temas centrais que foram observados no filme, tais como: relações endógenas e exógenas; sexualidade e projetos de vida.

O tema **relações** refere-se àquelas que perpassam a vida do adolescente, sendo descritas a seguir as relações endógenas (familiares) e as exógenas, aquelas constituídas fora do convívio familiar (amizade, namoro).

Relações endógenas

Os genitores de Leo são superprotetores, e a deficiência visual do filho só aumenta esse cuidado. Em uma cena (16 min), os pais de Leo ficam preocupados porque anoiteceu, o filho não voltou para casa e não deu notícias. Sua mãe, agoniada com a situação, liga para a avó do garoto e relata o ocorrido. Ao chegar em casa, Leo é surpreendido pelas broncas e preocupações de sua mãe, que inicia um interrogatório e diz que deveria ter ligado para avisar a demora, enfatizando que sair sozinho, à noite e no escuro, não é algo bom. Leo lhe responde demarcando que para ele sempre é escuro (cegueira). Seu pai entra na discussão e informa-lhe que ainda precisará dar satisfação. O filho responde: “[...] Você também? Será que eu não posso dar um passo sem vocês me vigiarem?”. Segundo Macedo, Azevedo e Castan (2012), é característico do adolescente buscar um afastamento dos pais, ou seja, há um desinvestimento libidinal para com os genitores, como demarcado na saída de Leo e na demora para o regresso ao lar. A confiança e o temor direcionado aos pais na infância dão espaço para uma segurança por parte do adolescente, que busca outras pessoas e objetos para o redirecionamento libidinal. Ressalta-se que, para os pais, observar essa separação e questionamentos do adolescente (valores familiares) configura-se como algo doloroso, como observado na preocupação dos pais do personagem referido. E assim, esse processo do adolescente para a exogamia mostra-se como conflitivo e doloroso para ambas as partes.

Em outra cena (25 min 26 s), durante o jantar familiar, há uma retomada da discussão sobre o dia em que Leo chegou tarde em casa. E depois Leo pede permissão para um acampamento escolar, contudo sua mãe informar-se-ia com a escola. E o adolescente comenta: “[...] Aqui em casa é tudo um grande drama. [...] É eu não poder ficar sozinho em casa, ter que avisar vocês de cada passo que eu dou [...] Vocês têm noção da vergonha que eu passo sendo tratado desse jeito? [...] vergonha... parece que eu tenho 5 anos”. Tal fala do personagem demarca a proteção dos pais, assim como os conflitos que perpassam essa relação. As restrições provenientes dos genitores configuram-se como uma vergonha para Leo, pois recebe um cuidado como se ainda fosse uma criança. De forma gradual, a separação dos pais internos possibilita ao adolescente

outras formas de prazer libidinal, como ídolos, amores platônicos e pais de amigos. E assim, esse vazio deixado pelos pais necessita ser preenchido, e desse modo, o adolescente busca uma substituição, ou seja, outros modelos identificatórios (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Em seguida (45 min), Leo comunica aos pais seu desejo de fazer um intercâmbio para cegos em Los Angeles. Seus pais não recebem essa comunicação de forma amigável; eles discutem por isso, e a mãe de Leo afirma: “Não tem discussão, Leo. Você não vai fazer intercâmbio, ponto”. Assim, observa-se mais um conflito entre Leo e seus pais. Tendo em vista os conflitos, o diálogo entre pais e filhos mostra-se relevante, e uma ferramenta potente para mediar esses momentos (como a discussão entre Leo e os pais) e exigem do adolescente um trabalho psíquico, não só das questões advindas da puberdade, todavia as próprias mudanças psicossociais decorrentes dessa fase do desenvolvimento e que atravessam as relações familiares do adolescente (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Assim como observado nas cenas citadas, Nascimento, Burnagui e Rosa (2016) apontam para o fato de que a conquista por autonomia e independência de adolescentes com deficiência visual podem apresentar maiores dificuldades, e a família possui papel central para o desenvolvimento (ou não) de tais conquistas. Sobre a família, as autoras apontam que é comum o fato de familiares desenvolverem sentimentos de superproteção e cuidado excessivo, mas isso interfere diretamente no processo de o adolescente conseguir se tornar independente (NASCIMENTO; BURNAGUI; ROSA, 2016).

Em outra cena (47 min 39 s), o adolescente pede ajuda do pai para barbear-se, e este mostra-se disponível. Durante a interação entre eles, o genitor traz à discussão o tema do intercâmbio e diz: “[...] Tô tentando entender por que que essa vontade de ir pra tão longe assim? Eu acho muito natural você na sua idade querer... querer, sei lá, conhecer outros lugares, uma gente diferente, fazer outros amigos. [...]. Mas eu acho muito natural também você brigar com seus pais o tempo todo nessa fase [risos]. Eu era assim também”. O pai enfatiza que a mudança de país para evitar brigas com os genitores mostra-se como algo radical, todavia o pai afirma que conversará com a mãe do adolescente e aborda sua preocupação quanto aos motivos da escolha do filho pelo intercâmbio. Salienta-se que, o afastamento do adolescente dos seus genitores

implica angústia tanto para os pais quanto para os filhos. Aos pais é requerido dar conta, ou seja, processar as mudanças deste momento da vida dos filhos – adolescência – “o que os arrebatava ao encontro de elos associativos com suas próprias histórias adolescentes, agora patrimônio do passado” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 42). Apesar de possíveis angústias vivenciadas, essa conversa com o pai foi marcante, visto que é na relação familiar que o adolescente pode começar a experienciar condições de independência (NASCIMENTO; BURNAGUI; ROSA, 2016), ao mesmo tempo que vivencia apoio e suporte no cuidado paterno.

Desse modo, observa-se a dificuldade para os pais de Leo cogitarem um intercâmbio do filho e as angústias que perpassam essa relação familiar em face desta possibilidade de afastamento do adolescente. Todavia, a partir do diálogo entre pai e filho, é notório como o genitor foi convocado a uma reavaliação de suas histórias do tempo de adolescente e este mostrou-se disponível, pôde acolher e ter um cuidado com os projetos do filho.

Relações exógenas

Leo e Giovana são grandes amigos, e Gi mostra-se sempre disponível para Leo, principalmente como um suporte quanto a sua deficiência visual. Eles estudam na mesma escola e cursam o mesmo ano. Giovana, além de ser sua amiga, presta-lhe suporte nas atividades escolares, na locomoção, como tendo o hábito de levá-lo para casa depois da aula, mesmo morando a dois quarteirões da casa do garoto. Tais situações convergem para o que Alves (2020) apontou em sua tese, ao afirmar a relação de cuidado presente na amizade entre pessoas com e sem deficiência. Além disso, durante a adolescência, o papel desempenhado pelos amigos mostra-se evidente; o grupo demonstra sua potência sendo este constituído pela aproximação entre os pares. Essas relações configuram-se como os primórdios investimentos exogâmicos, ou seja, o adolescente afasta-se cada vez mais da família, e investe na relação com os amigos. São novos territórios a serem explorados na vida do adolescente (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Com a chegada de Gabriel, um novo colega de turma, este aproxima-se de Leo e Gi. Em uma cena (26:40 min), Leo aparece deitado no colo de Gi, no intervalo da escola, e esta mostra-se curiosa sobre como foi o dia anterior, se Gabriel perguntou algo sobre ela. Ao que Leo respondeu negativamente e comentou que foram ao cinema em vez de fazer o trabalho, o que deixou Gi muito chateada por não ter sido chamada também. “Eu não acredito que vocês foram no cinema sem mim, Leo. Por que não me chamaram?” (Giovana). Diante disso, observa-se ciúme por parte de Giovana em relação ao Leo, por não ter sido incluída no programa entre os garotos. Cabe ressaltar que as amizades podem ser atravessadas por uma característica de adesividade, como uma conexão forte e intensa nessa relação, e que muitas das vezes demarca a busca por uma exclusividade do amigo (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Em outra cena (55:37 min), durante uma conversa entre Gi e Gabriel, a garota demonstra sua insatisfação pelo afastamento de Leo, presumindo que este não mais a estime, e culpa Gabriel pelo distanciamento entre ela e Leo. “As coisas tavam ótimas antes de você chegar. Agora eu não tô nem mais falando com o meu melhor amigo” (Giovana). Essa fala da personagem dialoga com as autoras supracitadas, sobre a relevância da amizade, e em como pode haver uma busca pela exclusividade da amizade, como demonstrado no ciúme e na culpabilização de Gi sobre Gabriel (ele sendo o pivô do distanciamento entre Gi e Leo).

Em um outro momento (59 min 37 s), Gi presencia outros colegas fazendo *bullying* com Leo, e a garota parte para defender o amigo dos agressores. Observa-se que mesmo Gi estando chateada por se sentir excluída e longe de Leo, a garota importa-se com o amigo e demonstra-lhe cuidado. O que demarca a força e a intensidade da amizade, e como aborda Macedo, Azevedo e Castan (2012), há nesta fase do desenvolvimento a relação com o melhor amigo (como expressado por Gi), e estes compartilham suas vivências, seus conflitos, compartilham a totalidade de si. E assim, a relação de pares (amigos) é constituída pela possibilidade destes se complementarem. Além disso, são cúmplices, parceiros. Tal proceder também é notório no momento de reconciliação entre Leo e Gi (71 min), que pedem desculpas um ao outro e Leo afirma para a

amiga: “[...] Eu nunca vou te trocar”. Podendo assim ser observada essa cumplicidade que supera os conflitos possíveis nessa relação.

As relações exógenas também possibilitaram ao Leo vivenciar situações até então nunca vividas devido à deficiência, mas a relação de amizade com Gabriel lhe proporcionou novas experiências. Aos 32 min, pode-se observar Leo conversando com Gabriel, afirmando que seria impossível andar de bicicleta por causa da sua cegueira congênita. Entretanto, a condição de Leo não parece ser algo limitante para Gabriel que, na mesma conversa, o chama para ver um eclipse de madrugada. Aos 33 min, a cena que discorre é o momento em que Gabriel e Leo estão presenciando o eclipse lunar e Gabriel tenta explicar para Leo como ocorre um eclipse. Como possibilidade de representação, Gabriel utiliza pedras para que Leo possa tocá-las e entender que cada pedra representa o sol, a terra e a lua e, assim, explica para Leo como acontece um eclipse.

Sobre a amizade entre deficientes e normotípicos, Ferraz (2020) afirma que “a amizade é uma forma de se relacionar que não obriga o outro a se enquadrar, mas aceita-o da forma que este prefere vivê-la” (p. 96). Assim, a amizade pode ser considerada uma alternativa que permite criar modos de vida. Amizade como forma de, além de constituir, reafirmar a identidade social do sujeito.

Além dessas cenas, aponta-se também o momento em que Gabriel chamou Leo para ir ao cinema e durante o filme foi explicando o que aconteceu em cada cena. Mais um momento de superação, já que Leo nunca havia ido ao cinema. Diante das variadas possibilidades que Leo vivencia com Gabriel, talvez a mais marcante de superação ocorra na cena final do filme, visto que, mesmo Leo tendo afirmado ser impossível andar de bicicleta, Gabriel possibilita esse momento, e o filme finaliza com Leo pedalando e Gabriel na garupa o guiando pelos ombros.

Para Winnicott, ter amigos relaciona-se com a capacidade do indivíduo de brincar, e a amizade e o brincar ocorrem no espaço potencial. Esse espaço configura-se como uma área onde a experimentação é possível, e o indivíduo pode descansar da difícil tarefa de manter as realidades internas e externas afastadas, vivendo “entre” o mundo subjetivo e objetivo. No espaço potencial

torna-se possível um relaxamento, a espontaneidade, e vivenciar a criatividade. Ressalta-se que a confiança é imprescindível para vivenciar essa área intermediária. Desse modo, uma relação em que há um encontro amistoso, assim como a amizade entre Leo e Gabriel, atravessada pela confiabilidade, espontaneidade, e pela criatividade, pode caracterizar-se como um espaço com grande potência, como demarcado na superação de Leo quanto a algumas limitações vistas por este como impossíveis de serem dribladas. E a criatividade no andar de bicicleta (cena final do filme) mostra-se marcante, pois Gabriel possibilitou ao amigo essa potência para o viver criativo. E assim sendo, tanto o brincar quanto a amizade compõem-se como demarcadores de saúde psíquica, observada nos personagens descritos (LEJARRAGA, 2010).

Sexualidade

O tema **sexualidade** configura-se pelas questões que perpassam a sexualidade dos adolescentes, como: práticas masturbatórias, mudanças corporais e relacionamentos amorosos.

Práticas masturbatórias

Gabriel convida Leo para ver um eclipse. Leo aceita o convite, no entanto, após saber que seria 1h30 da manhã, Leo informa que a mãe nunca o deixaria ir, não obstante, Gabriel sugere que saiam de casa escondido, e assim fizeram. Já em seu quarto, após o passeio escondido, Leo pega o moletom que Gabriel havia esquecido em seu quarto e o cheira. O garoto retira sua roupa para dormir e se deita vestindo o moletom (cheirando-o em vários momentos) e seguidamente começa a se masturbar. As práticas masturbatórias, no início da adolescência, são anteriores ao encontro do jovem com o outro (como o encontro sexual entre Leo e Gabriel). Tais práticas desempenham mais de uma função, tanto para meninos, quanto para meninas. Por meio da masturbação, é possível ao adolescente conhecimento e apropriação do próprio corpo, assim como possibilita uma fantasia da bissexualidade, que com o tempo é

dissipada. Pois, o jovem julga que sozinho possa satisfazer-se, ou seja, é autossuficiente, e assim há um adiamento do encontro com o outro, que mesmo sendo algo desejado, configura-se como algo temível, como observado pela prática de Leo, que ao mesmo tempo que anseia o encontro com Gabriel, como representado ao cheirar diversas vezes seu moletom, ainda assim esse encontro mostra-se temível (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Além disso, a atividade masturbatória pode configurar-se como uma forma do adolescente livrar-se do sexo, e ainda pode possibilitar uma descarga de tensões de cunho sexual. Ressalta-se que essas atividades masturbatórias precederiam a união entre dois indivíduos integrais (WINNICOTT, 2018). Para que seja possível esse encontro com o outro, faz-se necessário ao adolescente deparar-se com a falta, com o sentimento de não ser autossuficiente, contudo ressalta-se que às diferenças não devem recair um sentido de desvalor, todavia uma mola propulsora para que o adolescente possa visar e buscar o desejo pelo outro, e assim, de fato, ser possível usufruir sua genitalidade (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Mudanças corporais

Segundo Winnicott (2018), os adolescentes não sabem o que se tornarão, tudo está em suspenso, acarretando um sentimento de irrealidade e uma necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais. A indefinição de não saber no que vai se tornar transitam em torno do que Oliveira e Fulgêncio (2010) denominaram como uma nova forma de estar no mundo. Essa nova forma envolve as transformações biológicas e físicas, aspectos do desenvolvimento emocional e as formas de se relacionar com seus pares. Acerca das transformações biológicas e físicas, é possível observar na fala de Leo, na ocasião em que vão acampar com a turma e interagem em um momento de brincadeira na piscina, a insegurança despertada pelas mudanças corporais e pelo olhar do outro. Todos já saíram da piscina para tomar banho e praticar outras atividades, mas Gabriel e Leo permanecem sentados nas cadeiras. Gabriel cogita: “E aí, Leo? Vamos? Acho que a gente já esperou o suficiente, né?”, ao que Leo declara: “Claro que não. Eu não vou tomar banho com um

monte de gente junto, Gabriel”. Após Gabriel insistir, Leo e Gabriel vão para o banheiro e ficam só os dois. Leo diz que já está pronto, mesmo estando de bermuda, ao que Gabriel ri e tira a roupa com naturalidade.

Nesse sentido, Winnicott (2018) ressalta que a adolescência é uma fase de descoberta pessoal e precisa ser efetivamente vivida e que o ambiente desempenha um papel de importância, onde deve existir a continuidade da existência e do interesse do pai, da mãe e da família pelo adolescente, visando lhe fornecer suporte. Como a escola e as relações travadas na escola se configuram como outros ambientes, vistos como extensões da ideia familiar (WINNICOTT, 2019a), tais ambientes também precisam fornecer suporte ao adolescente que ali está inserido. Gabriel, ao tratar com naturalidade o corpo de Leo na cena em que os dois estão tomando banho, tornou o momento descontraído para que Leo não se sentisse inseguro com seu corpo e assim pudesse tirar o short para tomar banho. O paradoxo é que Gabriel ficou desconfortável com os desejos despertados em si pelo corpo desnudo de Leo na sua frente, mesmo que em uma cena anterior Gabriel já tenha beijado Leo, demonstrando nutrir, além do afeto da amizade que estava se construindo, desejo por ele, desejo esse que ressurge na cena em que Gabriel aparenta ficar desconfortável com o que parece ser uma ereção escondida e sucumbida por uma toalha.

Se na adolescência as experiências da infância, muitas guardadas no inconsciente, com o que não é conhecido porque não foi experimentado, afloram, as cenas descritas se relacionam com as mudanças corporais e com a sexualidade; Gabriel pode vir a explorar sua sexualidade com naturalidade posteriormente. E Leo pode transitar pela (re)descoberta de seu corpo e da sua sexualidade, sendo a narrativa do filme um espaço que explora tais temas de forma gradativa, construindo assim uma metáfora em relação à ideia defendida por Winnicott (2019a) de que o adolescente é imaturo e que tal imaturidade se relaciona com a saúde na adolescência. Nela, a passagem do tempo é a cura para a imaturidade, sendo possível acompanhar e estabelecer uma conexão na narrativa do filme acerca da passagem do tempo, com a busca de Leo pelo conhecimento de si e da sua sexualidade, a exploração das suas relações em seus diversos ambientes (família, escola e amigos) tateando o *status* de adulto a ser alcançado futuramente.

Relação amorosa

Há uma cena que retrata um amadurecimento quanto à sexualidade de Leo (87 min 05 s). Após as aulas, Leo, Gabriel e Gi estão saindo da escola, e Leo está segurando no braço de Gabriel (sendo guiado). Ao passarem por um grupo de colegas da escola, um deles provoca Leo e o indaga com ar de zombaria: “Olha só, o namoro tá firme mesmo hem, Leonardo?”. Assim, Leo para, e a cena é focada na mão de Leo no braço de Gabriel. Não obstante, Leo desce a mão e entrelaça seus dedos com os de Gabriel. Nesse momento, o grupo de colegas mostra-se surpreso, e ri do garoto que provocou Leo. Desse modo, é notório um amadurecimento da relação afetiva dos rapazes, chegando ao ponto de Leonardo assumir publicamente seu namoro com Gabriel, mesmo diante de um ambiente escolar invasivo e agressivo.

Winnicott (2019b) aborda que a imaturidade é característica do adolescente e fator importante da saúde deste e para curar a imaturidade, o tempo faz-se cabível, ou seja, com o passar do tempo é possível um crescimento na maturidade. O que pode ser visto da forma como Leo lida com sua sexualidade diante dos colegas de escola. Corroborando as contribuições de Winnicott (2019b), Macedo, Azevedo e Castan (2012) abordam que, com o percorrer do tempo, a impulsividade do adolescente dá espaço para a maturidade e possibilita também relações mais estáveis, assim como as escolhas do adolescente. As autoras enfatizam que dentre as distintas escolhas provenientes da fase da adolescência, encontra-se a escolha objetal. “Espera-se, agora, que seja possível um encontro com o outro de forma mais madura e plena, contando com o acesso à genitalidade. É comum o estabelecimento de relações afetivas estáveis e o real desenvolvimento de planos de uma vida a dois” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 51). Dessa feita, observa-se um progresso maturacional de Leo, se considerarmos sua atividade masturbatória (cena descrita anteriormente), enquanto na cena da saída da escola, há uma afirmação de sua escolha objetal, ou seja, Leonardo assume seu relacionamento amoroso com Gabriel, assim como demarca a possibilidade de fazerem planos futuros e planos que incluem um outro – uma relação amorosa.

Projetos de vida

Leo é um garoto superprotegido pelos pais devido a sua especificidade visual. Assim como outros garotos da sua idade, está em processo de desenvolvimento físico e emocional e busca seu lugar no mundo. Como descobrir esse lugar? Sendo a adolescência, conforme fala Winnicott (2018), uma fase de dificuldades, onde há uma mescla de dependência e desafio, que vai diminuindo conforme o adolescente caminha para tornar-se adulto, é nesse momento que os adolescentes, com auxílio dos ambientes nos quais estão inseridos (família, escola e amigos), tendem a fazer projetos de vida. Leo começa a traçar planos de fazer intercâmbio, com o intuito de ir para um lugar onde ninguém o conheça, onde “pode inventar uma personalidade nova”, relatando que gosta da sua personalidade, mas que o problema não é ele. Onde residiria o problema? Na sua relação com os outros?

Em uma cena posterior, após expor para sua família o desejo de fazer intercâmbio, Leo grita pelo pai para que o auxilie a fazer a barba e, pai e filho travam um diálogo acerca da necessidade de o pai entender a motivação do intercâmbio. O pai, em um momento singelo, esboça a necessidade de entender se o filho deseja viajar pelos motivos certos. O pai se configura como um ambiente acolhedor, disposto à escuta com afeto, auxiliando na necessidade do adolescente de traçar planos para que possa seguir rumo à independência. Winnicott (2018) destaca que apesar da adolescência ser tratada como um problema, é esquecido que cada adolescente está passando por um processo em que se tornará um adulto consciente e integrado na sociedade, desde que haja provisões ambientais suficientes.

Nesse sentido, apesar da superproteção dos pais, Leo passa por diversas experiências no ambiente escolar após a chegada de Gabriel, que desperta seu desejo e sua sexualidade, sendo o início do planejamento de um futuro a dois, mostrando que o ambiente familiar foi provedor das suas necessidades para que ele pudesse adolecer no tempo certo. Winnicott (2018) destaca que os adultos são formados por processos naturais, que são impulsionados na adolescência pelas tendências de crescimento. O que é observado na história de Leo é que ele vai, gradativamente, passando por fases da adolescência, traçando projetos, como a necessidade de sair de casa expressa para a avó, o desejo de

fazer intercâmbio e de pensar em viver longe dos pais e do seu ambiente inicial. Tudo isso se configura como projetos de vida que contribuem com a constituição de tornar-se adulto.

Considerações finais

Diante do exposto, foi possível identificar e analisar as experiências adolescentes de Leonardo a partir do filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014), dirigido por Daniel Ribeiro. Pôde-se observar as modificações nas relações com os pais, inserção do adolescente nas relações exógenas, mudanças corporais, sexualidade e projetos de vida. Tais aspectos atravessam a referida fase do desenvolvimento; não obstante, ressalta-se a importância de considerar a singularidade de cada indivíduo e, deste modo, apesar das características desta fase, cada adolescente a vivenciará à sua maneira, e o ambiente pode contribuir ou não para uma vivência que o possibilite chegar à maturidade, e conseqüentemente, à adulez.

Referências

- ALVES, F. F. P. *Vida precária, alegria e solidão: a coragem da verdade na experiência de si de crianças deficientes*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020.
- DUARTE, I. T.; CARLESSO, J. P. P. Psicanálise, Cinema e Subjetividade: como a Sétima Arte interfere na construção e reconstrução da subjetividade. *Research, Society and Development*, v. 8, n. 4, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164665>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- FERRAZ, K. *Governamentalidade, deficiência e educar: possibilidades da ética da amizade como resistência*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020.

GURSKI, R.; BARROS, J. F.; STRZYKALSKI, S. O Enlace entre Psicanálise, Educação, Cinema e a Experiência Adolescente. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e85002, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000200612&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

HOJE eu quero voltar sozinho. Direção de Daniel Ribeiro. São Paulo: Lacuna Filmes, 2014. 1 DVD (96 min.).

LEJARRAGA, A. L. A noção de amizade em Freud e Winnicott. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 nov. 2020.

MACEDO, M. M. K.; AZEVEDO, B. H.; CASTAN, J. U. Adolescência e Psicanálise. In: MACEDO, M. M. K. (org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

NASCIMENTO, G. C. C. do; BURNAGUI, J. G.; ROSA, M. P. da. Autonomia e independência: percepção de adolescentes com deficiência visual e de seus cuidadores. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 21-28, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v27i1p21-28. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/104407>. Acesso em: 24 nov. 2020.

OLIVEIRA, D. de M.; FULGENCIO, L. P. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. *Psicol. rev.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 67-80, abr. 2010.

VANOYE, F.; GOLLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise filmica*. 7. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2016.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. 4. ed. 3 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora, 2019a.

WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. 6 ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2019b.